

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 22 de Junho de 1856

N. 20

## Poesias do Sr. Faustino Xavier de Novaes.

Os jornaes d'esta cidade tem fallado muito do vate Portuense. Vamos dizer tambem alguma coisa sobre as suas poesias. Elogial-as? não, por que ellas recommendam-se de per si.

Fazer uma resenha ou esboço critico? tambem não, faltam-nos as necessarias habilitações.

Limitar-nos-hemos a indicial-as ao publico como um chefe de obra no seu genero. Da apreciação ligeira que fizemos do livro do Sr. Novaes, concluímos duas cousas; a primeira é que o seu estylo gracioso, sempre natural, sempre cadente, é inimitavel! a segunda que o Sr. Novaes adquirio uma reputação. As poesias — *A minha Ella, Soffrimentos, Dialogo entre o Sr. José e o Sr. Francisco, Um passeio á Foz, Os meus desejos, Quero viver p'ra me rir*, são sublimes! A Redacção da *Saudade* faz publicar a poesia que notamos já — *Soffrimentos*. Lêde-a, leitores, admirae aquella graça toda particular com que o Sr. Novaes remata as suas quadras, lêde a obra toda, e vereis que o vate Portuense honra não só a terra que o viu nascer como tambem a Portugal todo. Saudemos com entusiasmo o apparecimento deste novo genio, e receba o Sr. Novaes o tributo d'admiração que lhe enviamos a duas mil e tantas leguas da Patria!

Rio, 25 de Junho de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

## LITTERATURA.

### Paginas intimas.

XVIII

E ESTA !....

*Com a mira no vintem.*

BORDA D'AGUA.

### EXPEDIENTE DA REDACÇÃO.

(Junho 20.)

Ao autor das *Paginas intimas*, para que deixe o estylo *duvidoso* dos seus ultimos artigos, sob este titulo, e escreva no genero *jocosos* alguma coisa que possa distrahir os leitores, e chamar assignantes á folha. Do contrario largará o lugar a outro que o desempenhe melhor.

Por ordem

X. A.

E recommendaram-me para accrescentar que tem pessoa competentemente habilitada para escrever no genero *jocosos* as suas *paginas*; disse a pessoa que me entregára a participação *official*.

— Com o mesmo titulo?

— Está visto.

— Com um titulo de minha propriedade?!

— Sim, sim e sim!

— Protesto!....

— Qual!

— Protesto contra este abuso de força maior!...

Protesto, protesto!

— Espere lá, meu Sr.; falle com termos!

— E' um roubo que me querem fazer, e não hei de gritar?! Oh! com toda a força dos meus pulmões!.... Um titulo tão bonito servir para outro! Nada, vou já redigir um protesto ás *potencias litterarias*!.... Porque a Redacção da *Saudade* está com a mira no vintem dos assign-

nantes, para enfeitar a *menina* todos os domingos, hei de ceder um titulo e um lugar que me custou immensos sacrificios ! não, tenho um direito que ninguem poderá contestar-me. As *paginas intimas* pertencem-me, são propriedade minha, por isso fiz sciende aos *patrões* que não estou resolvido a cedel-as.... ao sultão que fosse. Mas para que exaltar-me ? é uma asneira, sangue frio no caso ; esperae que vou escrever a resposta, e ha de ser em verso.

A' illustre Redacção  
Que com a penna na mão  
Bellas leis sabe fazer ;  
Saude, paz e ventura  
E' o que sem muita usura  
Lhe passo a appetecer.

Cá recbi o aviso,  
Ao vel-o quasi que o riso  
Após veio da leitura ;  
E' antigo o expediente  
E a Redacção — innocente !  
Achou nelle *perfeitura*.

Pensam talvez os senhores  
Que outras paginas melhores  
Na *Saudade* devem ter ;  
Meus amigos, enganados  
Oh ! que estaes, e bem logrados  
Os leitores terei de ver !

Melhores *paginas*.... que tal ?  
Que *san facon* !.... uma igual  
N'outra parte inda não vi !  
Pelas cans de minha avó  
Hei de reduzir a pó  
A quem tanto já servi !

A matar-me horas inteiras  
Para que feias asneiras  
Na folha não inserisse ;  
E o pago, eil-o ahi,  
Esta guardou-se p'ra mi  
P'ra mim por exquisitisse.

Ora bem, querem, senhores,  
Que venha a ser dos leitores  
Bobo, jogral ou truão ;  
E mesmo que algumas vezes  
Passe semanas e mezes  
Divertindo a Redacção ? !

Porque segundo entendi  
E da tal *nota* colhi  
P'ra isso sou intimado,  
Sem que (nem por cortezia)  
Junto á alta senhoria  
Me precedesse o chamado.

« Quero, mando, tudo posso,  
(O preceito não é nosso)  
Dizem os modernos senhores ;  
E um homem cá desta esphera  
Ai delle, se não quizera  
Obedecer-lhes, leitores !

Mas desta feita não quero  
A' Redacção (que venero)  
Logo, logo obedecer ;  
Quero que faça primeiro  
Aquillo que o justiceiro  
Reputa sempre um dever.

Venha a mesma Redacção  
Toda ella em procissão  
Com roupas de ver a Deos ;  
Peça com modos — maneiras,  
E então estas asneiras  
Não darei aos leitores seus.

*Finis.*

Eis aqui a resposta ; se houver *replica* faça sciende á Redacção que lhe darei *treplica*.... Até lá, leitores, resae por mim.

Junho 24 de 1856.

XAVIER PINTO.

*P. S.* Vou largar a penna ; não quero que os meus obscuros artigos sejam a cabeça de *Medusa* para certa *entidade* encoberta, a quem o P.<sup>e</sup> Macedo concede um lugar distincto no seu poema os — Burros !.... Vou largar a penna !.... qual ! estou brincando ! largar a penna, agora que uma lingua damnada me pede que a transforme em azorrague para *zurzillo*.... bem, e a todos aquelles que se occupam mais com a minha vida do que eu com a sua....

Domingo 22 vi representar na rua do Hospicio uma *comedia original*. Era um celibatario que vomitava as mais torpes injurias contra o casamento. Que coincidencia ! d'ahi a poucas horas via representar outra no theatro Lyrico....

**Os esfaimados**

## ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

*(Continuação do n. 18.)*

## III

## A DESCOBERTA.

José andava desmedidamente; seu rosto contrahido causava afflicção, o suor lhe corria em ricas, e o cansaço lhe embargava a voz.

Havia já uma hora que corria sem saber como, por onde, nem para onde; a povoação não parecia ter viva alma, aquellas horas mortas; nem se quer se via uma só luz.

A tempestade tinha acalmado bastante, e os relampagos tornaram-se escassos.

José seguia, pondo sempre o ouvido attento, e ao menor ruído que se assemelhasse á voz humana, parava e cobria a lanterna com o capote; depois de certificar-se continuava sua marcha, afflicto.

Depois de ter percorrido em torno de todo o arrebalde da povoação, chegou a um lado opposto ao que tinha sahido, cujo caminho era o unico, onde haviam ainda algumas arvores antigas.

Ao passar precipitado por junto dellas, sentiu um ruído ligeiro entre os troncos; tapou depressa a lanterna, levou a mão a uma pistola, e pronunciou baixo: Oh! um homem!... e suffocou a respiração.

As trevas não deixavam ver nada, e elle em pé immovel como uma estatua esperava tornar a ouvir o ruído, como o leão enraivecido espera pela primeira presa para saciar a raiva.

O ruído fez-se ouvir de repente, e pelo reflexo d'um relampago pôde ver entre os troncos de duas arvores um homem em pé.

Ao apparecer o relampago ambos olharam para o lugar onde tinha cada qual sua attenção. José tirou logo a pistola e descobrindo a lanterna foi com passo precipitado para junto do outro, e apontando-lh'a em direcção ao peito; perguntou-lhe com voz ameaçadora: — Quem és?...

O homem immediatamente atirou para um lado com o capote e o chapéo de abas largas que lhe cobria a metade do rosto e apontando tambem com outra para seu adversario, a quem não podia ver o rosto, que vinha quasi coberto com a gola do capote; disse com voz forte: — Um homem como vós...

José estremeceu, e deixando cahir o braço armado avançou apressado, e chegou a lanterna ao rosto de seu adversario; ouviu-se um grito agudo, e a arma lhe cahio da mão; cambaleou e quasi cahia se o homem que tinha em frente não o tivesse agarrado, exclamando: — Meu Deos, que fatal encontro!... sois vós, Sr. José.... Oh! eu corria em vossa procura.

José voltou-se para elle já mais reanimado e deitando-lhe as mãos ao pescoço disse-lhe com tristeza: — Ah! meu bom Ricardo, Deos salvou-nos a vida; oh! meu filho, tu por aqui a estas horas! donde vens? o que me contas; não viste uma quadrilha de ladrões carregando tua futura esposa?...

Ricardo levantou a pistola, agarrou-o pelo braço e puxando-o disse-lhe. Vinde, meu amigo; vinde: nós sós não podemos fazer nada; eu vi tudo, eu sei onde está; corramos depressa chamar o povo; vamos, que minha querida Maria ou me será entregue viva e pura; ou farei queimar vivos a todos esses infames contrabandistas, que nos roubam as ultimas gottas de nosso precioso sangue. E seguiram apressados para a povoação.

*Continúa.***Frederico**

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

*(Continuação.)*

## CAPITULO VI

Em quanto Alfredo na prisão cuidava em mil projetos de vingança. Luiza via-se no meio de mil angustias, e das mais criticas circumstancias da sua vida. O doutor Lima que lhe poderia servir de amparo, de nada lhe podia valer, ou para melhor dizer, temia as más linguas.

Luiza estava só em casa com sua criada e alguns escravos, e a sua presença poderia fazer nascer aos olhos do mundo algumas suspeitas. Muitos dias se passaram sem que elle pudesse obter noticias de Luiza, até que por fim tendo feito varias indagações, soube a vida triste que ella passava. Ficou muito pesaroso por não poder ir logo animal-a, com tudo não perdia a esperanza de o fazer. Tres dias depois que soube noticias de Luiza, um negocio importante o obriga-

va a partir para Santos ! Partio elle emfim, e o maior pesar que levava era de apartar-se da desventurada Luiza, por que muito receiava da vingança do deshumano Alfredo.

Luiza nem mesmo agora retirada do seu barbaro marido lhe foi permittido o descanso !

Alfredo principiou sua vingança, por passar um papel de venda de todos os bens do casal, a um tal Julio Ferraz, que não desmentindo em suas acções, ser menos cruel do que Alfredo, passou logo a pôr tudo em praça, movido do documento que lhe havia passado Alfredo. E Luiza desamparada sem ter quem fizesse valler seus direitos, vio-se obrigada a abandonar a casa, e tudo quanto disseram pertencer ao seu marido !... Ella já desejava mais a morte do que a vida, mas era agora que a sua afflicção lhe dava forças para resistir a tudo... era agora que sentia sua alma forte impellida por um grande sentimento, dando-lhe coragem para resistir á sua desgraça. — Oh ! meu Deos, dizia ella, permitti que todos estes tormentos sejam em desconto de meus peccados... Vós sois grande, sabeis punir o crime, e ao mesmo tempo premiar a virtude ! infeliz daquelle que menospresando o teu poder, dá largas a seu desejo !... Infeliz d'elle, por que mais tarde sentirá o peso da vossa justiça sobre sua cabeça !

Depois que proferio estas palavras com os olhos arrasados de lagrimas, tomou algumas joias que Margarida havia salvado das garras de Julio Ferraz, fazendo-os passar como suas; e disse para ella :

— Minha boa Margarida, eu sei que a miuha existencia sobre a terra não póde ser longa, por que já sinto em meu coração a dor da morte, e por isso vou procurar meu querido Frederico, ainda que para o encontrar eu soffra os maiores tormentos desta vida ; eu desejo só vel-o e pedir-lhe perdão de todas as minhas faltas ; depois poderei morrer saudosa a seus pés !... Minha boa amiga, eu não possuo outros cabedacs com que te possa pagar os grandes serviços que me tens prestado ; tenho sómente estas joias, toma as que te aprouver, deixando-me com que eu me possa transportar á ilha de Santa Helena.

— Oh ! minha sensivel senhora, disse Margarida com os olhos em pranto, eu de nada careço, graças a Deos ! guarde todas essas joias para si ; sómente uma cousa ousava pedir-lhe.

— E por que a não declaras ? !

— Eu desejava acompanhá-la para qualquer parte que o destino tenha de impellir-a.

Luiza, não podendo conter a sua gratidão, abraçou-a com ternura e lhe concedeu o seu pedido !...

E' por certo a infelicidade o verdadeiro caminho para a gratidão, vemos a oppulencia apenas tocar a infelicidade logo descer de grão em grão, até se prostrar aos pés da gratidão no meio do arrependimento dos erros passados. Poderia algum dia Luiza abraçar a Margarida, e lhe chamar sua amiga no meio da sua grandeza passada ? Não, nem talvez se lembrasse da grande offensa que fez a Frederico ! Louvado seja Deos que nos manda os castigos para nos fazer entrar no verdadeiro caminho !

Luiza deu então as joias a Margarida, ordenando-lhe que as fosse vender. Margarida recebeu-as e sahio ; dahi a meia hora estava de volta com oitocentos mil reis, producto de todas. Bem sabido é já que todos os ourives compram qualquer qualidade de obras sómente a peso ! e por ahí se poderia calcular o prejuizo que poderia ter Luiza, mas a necessidade era a principal consequencia que lhe obrigava a vender.

Cuidaram logo dos preparativos da viagem, e em menos de quinze dias estavam pela barra do Rio de Janeiro fóra, era o brigue portuguez *Fernando 1.º* que partindo para Lisboa, havia destinado tocar em Santa Helena.

O doutor Lima chegou ao Rio de Janeiro alguns dias depois de seu embarque, e muito pesaroso ficou quando soube a noticia de sua viagem, desejava ter vindo mais cedo para poder acompanhá-la, pois que a amizade que tinha a Frederico, lhe fazia tomar por Luiza muito interesse.

O malvado Alfredo não se esqueceu de se vingar do pobre doutor Lima ; por que dahi a alguns mezes foi encontrado assassinado, com duas punhaladas sobre o coração ! As suspeitas calhram todas sobre Julio Ferraz, o infame agente de Alfredo !...

O brigue *Fernando 1.º* rompendo as ondas com velocidade, fez uma feliz viagem, chegou em uma bella tarde defronte da ilha de Santa Helena, e Luiza ainda que abatida e desconsolada, passou sem maior novidade.

O capitão, depois que fundeou o navio, escreveu a Frederico o bilhete de que os leitores já estão orientados.

(Continua)

M. L. MACHADO.

### Poesia e Mocidade.

Foi ao som atroador dos canhões dos soldados do povo, capitaneados por um desses ingenhos que Deos envia para reformar as instituições humanas, que se encerrou esse seculo de discussão e lucta intellectual que nascera ao declinar do reinado de Luiz 14 e vio passar no seu laborioso gyro os vultos grandiosos de Catharina 2.<sup>a</sup>, Frederico-o-Grande, Washington, Voltaire e o Marquez de Pombal.

Durante esses cem annos que para o progresso do espirito humano equivaleram a muitos mil, todas as instituições religiosas, sociaes e politicas, haviam comparecido ante o congresso dos elevados espiritos que na Encyclopedia patentearam ao futuro o saber do seu tempo; todas foram analysadas, comparadas, refutadas ou racionalmente acceitas. Mas desse mesmo trabalho de que sahiram tão luminosas idéas, trabalho que expurgou o culto de sua mescla de paganismo; que fez assentar o proletario á mesa do festim social, que reconheceram o direito do povo a intervir na gestão de seus interesses e que lançou do seio das escholas philosophicas o pedantismo improgressivo; desse mesmo trabalho exagerado e levado até o requinte da duvida analytica, resultou o scepticismo que foi o legado de um seculo raciocinador e creativo a outro seculo de acção, que devia executar o que elle havia imaginado.

Ao passo, pois, que esses sons atroadores das baterias democraticas, que ao romper deste seculo echeavam nos campos da Europa, annunciavam ao mundo que o povo adormecido pelo regimen sensual de Carlos 2.<sup>o</sup>, pelo brilho artistico e guerreiro de Luiz 14, pelas supersticiosas praticas de D. João 5.<sup>o</sup> e pelas diminutas concessões de José 2.<sup>o</sup>, ia armar-se como no tempo dos tribunos romanos e vir pedir contas, requerer pela força a entrêga dos direitos que as classes superiores haviam usurpado, uma reacção tacita, espontanea, naturalmente successiva, se opperava nos espiritos. Cansados de olharem para o vacuo da ordem moral, de se verem despojados de todas as crenças que dão coragem no presente e fé para o porvir e de tocarem com as mãos os vultos phantásticos da philosophia que se esvaeciam ao toque indefinido do progresso, pararam á borda do abysmo e vieram ajoelhar, remocados por uma nova crença luminosa, junto ao signal de redempção erecto sobre o Calvario.

Um homem que passára longa vida de tribula-

ções e trabalhos, que percorrera os bosques do Novo Mundo e as ruinas dos estados feudaes da velha Europa, atravessou então o estreito de Calais e veio proclamar do centro da capital do mundo philosophico, a verdade, a intima necessidade que todos sentiam! O estylo de seu escripto estava repassado da doce poesia de Goethe, sem com tudo resentir-se da nudez moral deste grande (sceptico) tinha toda a energia de Schiller, sem como este soltar o brado de destruição contra a velha sociedade; tudo o que havia de nobre e verdadeiro nas novas crenças da humanidade elle o accetava e revestia de poesia, fazendo brilhar por sobre a grandiosa exposição de bellezas moraes que descrevia, a estrella sublime do Christianismo! Chateaubriand no seu — Genio do Christianismo, — deu a primeira batalha a favor da restauração christã; e a mocidade que então surgia cheia de rebustez e de intenso vigor, mesmo procurando subtrahir-se ao seu influxo, foi sua discipula, animou-se com as idéas que elle infiltrou, ornou-se com o estylo que elle creára, e opperou sem sentir a salutar refórma que elle tentára.

Meio seculo é passado depois dessa brilhante auróra de nossa época e o que vemos nós? A que attingiram os esforços que duas gerações empregaram para dar ás classes inferiores a instrução e o bem-estar, á litteratura novos incentivos, novas tendeneias, um Thabor que deixando o Pindo encobrir-se pelas nevoas que no inverno o cercam, acolhesse do seio de um disco luminoso as novas gerações que longos seculos sem esgotamento, por suas veredas caminhassem?

A mesma reacção que naquelle tempo tinha-se effectuado na ordem intellectual, sente-se, reconhece-se geralmente hoje no mundo pratico.

As successivas revoluções que sem madurez, sem oportunidade, ao sopro das facções irreflectidas, abalarám os mais fortes alicerces da sociedade e fizeram desrespeitar os representantes da authoridade, obrigaram os povos a pedir a uma acção militar, filha da força sobre o desanimo, a conservação mesino por meio do arbitrio dos fundamentos sociaes que podiam prometter alguma segurança ao homem civilisado. As innovações litterarias quebrando com as classicas tradições, pediram primeiro á verdadeira perfectibilidade moral, o typo de suas ideaes creações; o coração humano vibrado em todas as suas cordas pelo *lyrismo*, soffregosou de todas as impressões que nasceram do puro affecto; mas a esta fórma espontanea com que a imaginação livre casou

os seus delicados labores, succedeu a evocação de todos os factos produzidos pela energia moral, nessa epocha da idade média que vio singularmente enlaçar-se a servidão das turbas com a independencia do individuo, os falsos direitos de conquista com o protesto natural do homem que se apoia em sua força.

A idade media, pois, idealizada, restaurada ao vivo pelos poetas, pelos romanceadores e pelos publicistas foi auscultada, dissecada e ora admirada, ora apedrejada pelo espirito de nosso tempo, conforme se apresentava, ou pelo lado energia individual, ou pelo da obscuridão o da sophistica doutrina dos principios dominantes que se amavam com o mais cruel flahicio. Durante esse tempo a litteratura teve seus momentos de brilho; tudo que era grande foi por ella ostentado; Byron anathematisou e escarneceu dos sophismas sociais, aspirando incessante para uma esphera mais bella de existencia, de gosos, de sentimentos dominantes.

*Continúa.*

Vassouras, 8 de Junho de 1856.

REINALDO CARLOS

## POESIAS.

### Soffrimentos !

Soffro muito, meu Deos ! E' meu destino,  
Sobre a terra, soffrer.... sempre soffrer !  
Tenho umas botas de bezerro fino,  
Que mil vezes me põem os pés a arder !

Não posso mais !... não posso.... que esta vida  
Para mim, se torna inferno atroz !  
Tenho a minha casaca descosida,  
E o forro já se vê... vê-se o retroz !

Do passado só tenho agra saudade,  
No presente só sinto amarga dor !  
O inverno passo-o todo em frialdade,  
O estio, sempre elleio de calor !

E' muito, grande Deos !... Penas tão duras  
Não as póde um vivente supportar !  
Se, á noute, apago a luz, fico ás escuras ;  
Fecho os olhos, de dia, ando a apalpar !

Que crimes tenho eu feito sobre a terra ?  
Porque tudo se volta contra mim ?  
Tenho um gato maltez, que á noute berra,  
E por mais que o enxote, é sempre assim !

Não escuta ninguem os meus lamentos,  
E muitos quando eu choro põem-se a rir !  
Aos que zombam por ali dos meus tormentos  
Hei-de matal-os, todos, e fugir ? !...

Oh ! não.... que eu nunca fui um criminoso !  
Mas, por ter um benigno coração,  
Na loteria, até, sou desditoso,  
Aos outros sahem premios, a mim... não !

A desventura é sorte dos poetas !  
Muitos d'elles a tem soffrido já !  
Ha no mundo uma sucia de patetas  
Que escarnecem de quanto a Musa dá !

E julgando fingido este meu pranto,  
Que desgraçado sou não podem crer !  
E' muito, grande Deos, não posso tanto !  
Esp'rança tenho-a só no teu poder !

E' por isso, talvez que os collarinhos  
D'uma camisa nova que vesti,  
Não me deixam aqui gosar carinhos  
E me obrigam, da terra, a olhar p'ra ti !

Extrahido das Poesias do Sr. F. XAVIER DE NOVAES

### Ciumes de um Trovador.

Medonha a noite está !... O céo é negro !...  
Tudo annuncia proxima borrasca  
Igual á tempestade de meu peito.

Já no espaço lampeja ardente flamma,  
De fogo povoando o firmamento ;  
E o sinistro piar de torvas aves  
Mais triste vai tornando o horror nocturno !

O vendaval furente quo sibilla,  
Os coriscos que rapidos dardejам,  
O rouquenho trovão que ao longe c chõa,  
O funebre rugir de iradas vagas,  
São orchestra infernal a meus ouvidos  
Aguçados punhaes que me laceram.



Como o tempo é mudavel ! Inða ha pouco  
Brilhante se sorria a natureza !  
Inða ha pouco, o jamim entre as mais flores,  
Sem temer do aquilão lascivos beijos  
Embalsamava o ar com seu perfume !

Que quadro para mim ! Feliz outr'ora  
Nos vergeis da belleza, entre os prazeres,  
Uma flor escolhi p'ra ornar meu seio ;  
Mas... ai !... ella murchou !... Nova existencia  
Rociada de falsas esperanças  
Desbrochou em profano e negro vaso !

Qual flexivel ubá que humilde verga  
Ao furor da celeuma que o embate,  
E co'a flecha quebrada e já sem folhas,  
Vai gemendo oscular da terra a face ;  
Assim eu, por mil zelos açoutado,  
Oscillando entre amor, entre vinganças  
Bem sinto aproximar-se a hora extrema !

Se consigo fugir de quem me odeia,  
Sua sombra me segue a toda a parte ;  
E qual anjo de morte, de exterminio,  
Com sorrisos de mofa e de ironia  
Arrastand'o me vai á sepultura.

Tudo está transformado ! Essas grinadas  
Esmaltadas de paz e de innocencia,  
Urdidas pelos meus viçosos annos,  
Não são mais que hirtas o'roas que me opprimem  
Que de continuo pungem minha frente !

Não poder em momento tão supremo,  
Que as crateras do céu vomitam lavas  
Espalhando o terror entre os humanos,  
Tragada vêr a — ingrata—que me olvida...  
E n'um montão de cinzas convertida  
Ver essa, que com risos estudados,  
Com carinhos fallazes, lisongeiros,  
E protervos amplexos fementidos,  
Illudido arrojou-me aó—desengano.—

Mulher que tanto amei, e que amo ainda....  
Tu zombaste de mim, tu semeaste  
Torturas infernaes, inextinguiveis  
No viver que me aguarda ; inexp'riente  
Deixei-me fasciar pelos teus olhos  
Qual douda mariposa esvoaçando  
Em derredor da luz que a cresta e mata !

Mulher ! Mulher ! Que tens tu de exprobar-me ?  
Acaso eu quebrantei a fé jurada ?  
Não consagrei a ti meus pensamentos,  
O meu tão puro amor, minha existencia ?  
Não eras o pendão de meus anhelos  
O brilhante pharol de minha vida ?  
Não eras, que a vereda da esperanza  
Me fazias trilhar com pé seguro ?  
Ah ! Tu córas.... Tu córas de despeito,  
De vaidade e desdem com que me insultas ! !

Monstro, monstro cruel, ludibriaste  
De minha pura fé, de minha crença ;  
Julguei-te do meu Deos a linda imagem,  
Santuário de recedentes flores  
De fulgidas virtudes... Insensato !  
Que nem senti teu peito pervertido  
Coração de demonio amamentando !

Maldição sobre ti, mulher perjura,  
Que entender não soubeste meus suspiros,  
E nem, sequer, em teus ficticios sonhos  
Traduziste um gemido de minha alma !

Maldição sobre ti, que lacrimosa  
Juraste consagrar-me — amor eterno ;  
Sobre ti, que a meu terno e flebil peito  
Induziste a ideiar porvir micante  
Que transformado sinto em densas chammas.

Todas as furias do medonho inferno  
Te convertam... Ah ! não, a mim compete  
A sentença firmar de tantos crimes...  
Quero ser teu Juiz... O teu verdugo...  
Com minhas mãos cavar-te a sepultura;

Trincar-te o coração, cuspir-te o rosto...  
E as satanicas viceras nefandas  
De conspurcados vermes corrompidas  
Arrojadas por mim serão aos corvos ;  
Em quanto teu vil nome, maculado  
Do ferrete infamante do — perjurio—  
Nas mortíferas azas do — despreso—  
E entre mil imprecações envolto, .  
Ao tempo voará do—esquecimento.—

Angra, 1850.

F. A. DA SILVA LIMA.

### Não sabes ?

Não sabes que eu te voto amor, Lucinda,  
Que teu retrato conservei no seio,  
Que esse teu nome, tão suave, leio  
Em toda a parte, a que desejo olhar ?  
Que ou acordado, ou mesmo em sonhos bellos,  
A toda hera em torno a mim diviso  
Teu lindo rosto, o encantador sorriso,  
Que aos roseos labios, doce vem pairar?

Não sabes, virgem, que no triste dia,  
Em que teu rosto, tão gentil não vejo,  
D'alma alegria, nem fugaz lampejo  
Por entre as sombras para mim reluz ?  
Não sabes tu que para mim estudo,  
Que teu amor, é meu porvir no mundo,  
E que da vida neste cahos profundo  
E' de teus olhos que eu recebo a luz ?

Não sabes tu que no meu seio pulsa  
Com força immensa o coração amante,  
Se posso ás vezes encontrar diante

Dos olhos meus, de teu olhar o ardor ?  
 Não sabes tu que por te ver um dia,  
 Logo fiquei a teu poder sujeito,  
 Que desde então não mais senti no peito,  
 Senão por ti adoração e amor ?

Não sabes que eu, se fôra rei, te déra,  
 Meu solio nóbre, minha c'roa d'ouro,  
 Que nesse lindo teu cabello louro  
 Ricos brilhantes q'ria ver fulgir ?  
 Que o reino déra por te ver nos olhos  
 A meu amor uma promessa doce,  
 Que se do mundo, soberano fosse,  
 O mundo déra por um teu sorrir ?

Mas ai ! oh virgem, nada posso dar-te,  
 Ai ! nada, nada, só amor ardente,  
 Nem o meu fado ameaçador, consente  
 Que espere um dia teu amor gozar !  
 Mas se não posso minha vida á tua  
 Ligar com laço mui feliz, perfeito,  
 Posso no fundo de meu terno peito  
 Render-te sempre aderação sem par.

Rio, 6 de Dezembro de 1855.

E. A. DE B. RIBEIRO.

### Poesia.

Aquelle que sobre as ondas  
 Soffre Neptuno inimigo,  
 Vem gosar no patrio abrigo  
 Fructos d'amargo suor.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

Dentro de funda masmorra  
 O triste escuta a sentença ;  
 Mas exulta na presença  
 Do amigo libertador.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

A purpurea, fresca aurora  
 Quando apparece risonha,  
 Da noute escura, e medonha  
 Foge o mal, fuge o pavor.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

Por entre a mimosa relva  
 Jaz a planta amortecida,  
 Porém vem tornar-lhe a vida  
 Orvalho consolador.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

No feio inverno a campina,  
 De lucto se vê coberta,  
 Mas outra estação lhe offerta  
 Novo esmalte, nova côr.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

O mortal mais desditoso  
 Chega a vencer a desgraça,  
 E a beber por aurea taça  
 O doce nectar de amor.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

Se a meus rogos um momento  
 Vejo o fado compassivo,  
 Foge o breve leuitivó,  
 Torna-se o fado peor.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

Oxalá que á morte horrivel  
 Minha vida inveja faça !...  
 Mas té por minha desgraça  
 Tenho a morte em meu favor.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

Olho aos céos, e os céos se escondem ;  
 Volto á terra, em vão lhe brado ;  
 Leonor chamo... e neste estado  
 Ninguem ouve o meu clamor.

Tudo, ó Céos, muda de face,  
 Só não muda a minha dôr.

Infernaes medonhas furias  
 Acolhei-me per clemencia,  
 Só em vós minha existencia  
 Um dia aclarará favor.

E já que tudo se muda,  
 Vejo o meu fado inimigo,  
 Que juntamente commigo  
 Tambem muda a minha dôr.

SERPA PINTO.

### VARIÉDADES.

#### Como este ha muitos.

Um distincto litterato auctor de alguns dictionarios, sendo um dia interrogado sobre a significação de ostracismo, respondeu : — Ostracismo era um castigo barbaro usado na antiga e civilisada Grecia (olha só !) que consistia em fazer com que o condemnado comesse ostras até rebentar. O mesmo sábio adoeendo perguntou ao medico a que attribuia sua molestia — E', diz-lhe o doutor, proveniente de sua vida sedentaria. — Ai de mim ! disse o heroe, bem me dizia minha mulher que não comesse tanta pimenta. Outra occasião ainda o nosso homem, elogiando a resignação de sua consorte nas dores de seu ultimo parto (d'ella) disse : a respeito de parto nunca vi mulher mais varonil.

EU.

#### Deos os fez e o diabo os ajuntou.

Um padre de boa vida criticava em uma reunião de certo marido e mulher que elle havia casado, até que um sujeito, por innocencia, lhe disse : Isso é verdade, Sr. Padre, Deos os fez e o diabo os ajuntou.

EU.

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,  
 Rua da Valla n. 111.